

Pensando uma filosofia da extensão com Deleuze

PEDRO GONTIJO¹

RESUMO

O texto apresenta algumas notas, a partir do pensamento de Deleuze, para se pensar a extensão universitária. Inicia com uma abordagem de alguns referenciais sobre a presença da extensão nas universidades brasileiras. Trata o conceito de rizoma como potencializador no processo de problematização da presença da extensão na universidade e, mesmo que, de modo introdutório, apresenta como dois pensadores – Hume e Spinoza –, estudados por Deleuze, ajudam a explorar novos potenciais no pensar e fazer extensão.

PALAVAS-CHAVE: Deleuze. Extensão universitária. Educação superior.

ABSTRACT

The article presents some notes from the thought of Deleuze, to think university extension. Approach starts with a few references to the presence of university extension in Brazilian. This concept of the rhizome as a potentiator in the process of problematization the presence of the extension at the university and, even, so introductory presents as two thinkers (Hume and Spinoza), studied by Deleuze, help to explore potential new in thought and extension to.

KEYWORDS: Deleuze. University extension. Higher education.

PREÂMBULO

Fazemos aqui uma tentativa de produzir o que foi chamado por Larrosa (1995, p. 35) de um trabalho de “teoria”, entendendo isso como a produção de um pensamento e de uma escrita que reúne, desloca e provoca ressonâncias de ideias e de pensamentos de alguns lugares e campos determinados para outro campo em que nos interessa produzir novos efeitos de sentido.

Fazemos isso em uma transversalização com Deleuze e com Educação. Daí entendemos que seja uma escrita entre os campos da Filosofia e da Educação, especificamente a Educação, que ocorre no espaço da extensão universitária. Diferentemente de outros autores tradicionais, que, em geral, concebem a Filosofia como uma reflexão crítica da realidade, ou mesmo como ação contemplativa, Deleuze (1992) propõe que a Filosofia não é nem comunicativa, contemplativa ou reflexiva, mas sim criadora e revolucionária, pois cria novos conceitos que se tornam necessários para responder aos problemas sobre os quais se debruça.

Não há pretensão de se guiar por qualquer delimitação histórica ou fidelidade e coerência a alguma filiação epistemológica, mesmo trabalhando

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Trabalha, sobretudo, com temáticas que relacionam a Educação e a Filosofia, indo da Filosofia da Educação ao ensino de Filosofia em diferentes espaços e níveis de formação. Já atuou como diretor de programas de extensão na Universidade Católica de Brasília e foi membro da Coordenação Nacional do Fórum de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias – FOREXT.

com o pensamento deleuziano. É uma experiência de escrita, o que tanto especifica o caráter incipiente como faz temer, a exemplo do que escreveu Sartre no Prefácio à edição francesa da Crítica da Razão Dialética: “[...] temi que esta montanha de folhas parecesse dar à luz um rato: seria preciso agitar tanto ar, gastar tantas penas e encher tanto papel para chegar a algumas considerações metodológicas?”. Assim, este texto pretende ser apenas fluxo em movimento de pensar sobre a extensão universitária.

O texto passa por uma primeira constatação sobre como a extensão foi proposta em diferentes momentos da história da universidade no Brasil e de como dois importantes fóruns de extensão nacionais a definem. Depois, explora o pensamento de Deleuze.

Destacamos que a obra de Deleuze é extensa, são mais de vinte publicações sobre temas e autores diferentes conformando sua filosofia. Aqui faremos um recorte minúsculo em seu pensamento, para, no que é possível nesse espaço, produzir algum efeito de sentido sobre a extensão. Especificamente, queremos pensar como o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari) permite pensar a extensão universitária e, por último, a partir de como Deleuze faz uso de dois autores – Hume e Spinoza – em sua construção teórica, que propõem deslocamentos conceituais para “usar” algumas formulações para pensar a Extensão. Com Hume (2009), a perspectiva é propor um deslocamento de compreensão da extensão buscando evitar uma busca de “essência” ou o que é próprio da extensão, para perceber o movimento e as relações que se estabelecem ao fazer extensão. Com Spinoza (2009), pretende-se propor que a ética dos afetos reforça o pensar a extensão como um tipo de relação de aprendizagem estabelecida entre vários e que pode ou não ser potencializadora da vida desses. Ambos permitem formular questões que nos parecem interessantes ao pensar e fazer extensão.

A EXTENSÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Antes de trabalharmos com o pensamento deleuziano, parece-nos interessante partirmos das experiências históricas da extensão nas universidades

brasileiras, fazendo duas referências: uma histórica, dando os matizes que a extensão já adquiriu e outra, resgatando a definição de dois importantes fóruns de interlocução sobre extensão universitária.

A história da extensão nas universidades brasileiras (UCB, 2009), com predominância em diferentes momentos de uma ou outra perspectiva na forma de ser efetivada, mostra o caráter dissonante, difuso e múltiplo de sua presença, inclusive tendo ocorrido em parte dessa história dissociada do ensino e da pesquisa. Podemos citar alguns modelos: na segunda e terceira décadas do século XX, podemos encontrar referências que aproximam a extensão de ações de difusão de conhecimento, arte e cultura para

“ Deleuze (1992) propõe que a Filosofia não é nem comunicativa, contemplativa ou reflexiva, mas sim criadora e revolucionária, pois cria novos conceitos que se tornam necessários para responder aos problemas sobre os quais se debruça. ”

populações mais carentes que não tinham acesso à universidade. Funcionava em uma perspectiva de ação social; a década de 1960 trouxe uma concepção de extensão como desenvolvimento de comunidade, adotando uma perspectiva de maior interação e trocas com as comunidades envolvidas na extensão universitária, tendo sido combatida pelo regime militar, que provocou uma concepção assistencialista da extensão. A década de 1970 viu florescer o modelo de prestação de serviços e, por fim, a Constituição Federal expressou que era anseio um novo modelo universitário em que ensino, pesquisa e extensão são compreendidos como atividades acadêmicas indissociáveis.

Após a Constituição de 1988, e inspiradas nela, tivemos duas importantes contribuições para uma definição do que seja a extensão universitária. O Fórum de Pró-Reitores das Universidades Brasileiras em 2000 propôs a seguinte definição:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico.

Dessa definição, interessa-nos destacar a ideia de “extensão como processo”, portanto algo em movimento, com a possibilidade de “viabilização de relação transformadora”. Portanto, algo que ocorre *entre*, nesse caso, entre universidade e sociedade; alude também à ideia de que há nessa relação uma transformação sendo operada *na* sociedade e *na* universidade. Esse movimento de focar as ideias do processo e da relação certamente deixa de lado aspectos importantes da definição, mas serve ao propósito de produção de sentido que pretendemos aqui, como o que vamos trazer de Deleuze a seguir. Talvez pudéssemos apontar uma limitação que o próprio conceito apresenta que é entender a extensão como *via de mão dupla*, pois se pode dizer que uma via pode até ligar extremidades, mas não permite que essas extremidades se toquem, misturem-se, transbordem e transversalizem tanto a comunidade acadêmica, quanto a sociedade como um todo, da qual a universidade é parte.

Em 2005, o *Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias – FOREXT*, definiu extensão como:

Dimensão axiológica e operacional da Instituição universitária e componente determinante de seu projeto institucional; Na relação com a sociedade, sendo uma instância que promove a integração sistêmica e dialógica entre os diversos modos de conhecimento; entre a comunidade acadêmica e sociedade em geral; e entre desejos, necessidades e demandas, e as possibilidades de solução e superação dos mesmos;

Parâmetro axiológico e metodológico para a formação do educando, constituindo-se num espaço e num processo de aprendizagem; No processo de formação integral, ela é fator determinante para a integração entre o ato educativo e a práxis social, a articulação entre compreender a realidade e responder aos seus desafios, e a interação entre o questionamento ético e o engajamento político; Parâmetro axiológico e metodológico da Pesquisa; Ela se constitui em instrumento que consegue fazer a pergunta ética ao conhecimento científico, ao mesmo tempo em que pergunta pela sua relevância social; Ela é momento de aplicação do conhecimento e de intercâmbio de saberes na relação universidade-sociedade, materializando uma epistemologia própria da produção do conhecimento sócio-historicamente engajado.

Nessa definição do FOREXT, destacamos a ênfase no caráter axiológico e operacional/metodológico, seja como dimensão ou parâmetro, que a extensão teria. Aqui, mais que dizer da extensão como “alguma coisa” ou uma ação específica, trata-se de dizer de como se espera que seja a universidade no seu “fazer coisas”.

O trabalho de extensão, no sentido de ir além do campus é básico para a universidade que deseja revolucionar idéias. Sem um toque de fora do campus, proporcionado pela extensão, a universidade perde grande parte do poder de criação. Sem atingir a comunidade, a universidade se limita a exercícios, fechada em si mesma. A atividade de Extensão é o caminho básico para a universidade descobrir o mundo e para o mundo descobrir a universidade (BUARQUE, 1994, p. 239).

Como as relações são estabelecidas pragmaticamente, funcionam como uma metacomunicação sobre o que se está verbalizando na comunicação com outro. Há um quê de percepção sobre o “jeito” como a universidade se relaciona com a sociedade.

Essas constatações da diversidade de “rostos” que a extensão assumiu na história da extensão nas universidades brasileiras e as ênfases dadas nos dois conceitos nos permitem dizer que a extensão é campo fértil para se pensar possibilidades. É nessa perspectiva de fertilizar o pensar a extensão sob outras referências que propomos a abordagem com Deleuze que se segue.

A EXTENSÃO EM RIZOMA

Deleuze e Guatarri (1995) afirmam que existem dois tipos de livros: aqueles que são aparelhos do estado, que estão a serviço do poder estabelecido e os livros máquina de guerra. Como tal, estes últimos servem para gerar processos revolucionários junto a outras máquinas de guerra. Em um contexto em que temos o ensino graduado e pós-graduado e a pesquisa tão normatizados, tão enquadrados, os espaços de extensão teriam uma situação privilegiada como espaços máquinas de guerras produtoras férteis de novas possibilidades de existência.

Esses autores distinguiram também o que chamaram de livro arborescente e livro rizoma. Vejamos como eles descrevem essa segunda imagem:

Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se um bom Deus para movimentos geológicos. Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11).

Essa ideia de rizoma aplicada ao livro também permite pensar a extensão como espaço/movimento rizomático. Perguntaríamos: com o que a extensão faz rizoma e com o que ela pode "rizomar"? Que conexões são possíveis na atividade extensionista? Com o que os princípios, as metas, os programas e os projetos de extensão podem fazer conexões para manter viva a experiência extensionista? É provável que possamos afirmar facilmente que o fazer extensão faz muitas conexões. Não parece existir extensão que não faça conexões, independentemente de vontade de gestores, professores, alunos e estruturas.

Bem sabemos que ocorrem práticas extensionistas em vários cantos da universidade conectando estes a outros contextos e que isso ocorre

sem necessariamente a intervenção ou gestão dos setores que teriam essa finalidade. A questão seria buscar verificar como tal perspectiva nos liberta da imagem arborescente do conhecimento, da estrutura hierárquica e possibilita nos lançarmos em outros devires extensionistas:

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população (DELEUZE, 1997, p. 11).

Pensemos na universidade e mesmo em um projeto de extensão como "um fazer" que também tem suas linhas de articulação ou segmentaridade, suas territorialidades, suas linhas de fuga e seus movimentos

“ **Esse movimento de focar as ideias do processo e da relação certamente deixa de lado aspectos importantes da definição, mas serve ao propósito de produção de sentido.** ”

de desterritorialização e reterritorialização. Assim como o livro para Deleuze, a extensionalidade como um fazer rizomático funciona como agenciamento e pode nos propor perguntas sobre como ela funciona, com o que faz passar intensidades.

Considerado como agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se

introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12).

Como rizoma, a extensão – nos moldes que Deleuze e Guattari pensaram o livro – obedece a alguns princípios. Pensemos um pouco a partir dos quatro primeiros princípios que Deleuze e Guattari descrevem nos rizomas: o primeiro princípio é o da conexão que afirma a interconectividade constante e a partir de qualquer parte. A organização das práticas extensionistas da universidade se conecta a qualquer parte da universidade por meio de qualquer outra parte, por meio de qualquer professor, funcionário e estudante. Se a extensionalidade tem algo a ver com a interação da universidade com a sociedade, podemos aplicar o mesmo princípio a ela e poderíamos dizer que a extensionalidade vaza ou pode vazar por qualquer parte da universidade. As conexões extensionistas estão longe, muito longe de serem apenas aquelas feitas por meio das Pró-reitorias ou Decanatos de extensão.

O princípio da heterogeneidade revela que se essas conexões são como acabamos de relatar; elas ocorrem expressando uma diversidade multiforme, também não apreensível nas classificações rotineiras do que sejam atividades de extensão. Tanto inventamos novos modos heterogêneos de fazer conexões extensionistas, como, atentos a esses princípios, podemos potencializar nossa percepção sobre as formas já presentes na prática da universidade que ainda não reconhecemos.

Sabemos de diversas instituições e de áreas de conhecimento em que as atividades de extensão resumem-se a cursos breves e um número pequeno de outras atividades. Isso revela como certa conserva cultural torna, muitas vezes, esses setores ou instituições impermeáveis a experiências novas com a extensão.

O terceiro princípio do rizoma, decorrente e complementar a esses dois, é o princípio da multiplicidade. Permite que tratemos a extensão como ação coletiva sem sujeito e objeto determináveis. Encarar a extensão como multiplicidade faz pensar que qualquer setor com suas prerrogativas não funciona e não pode funcionar como um pivô central

por onde ramifica as práticas extensionistas. Estas, independentemente de qualquer um, ocorrem de formas diversas, velocidades diferentes e intensidades com rumos variados.

O quarto princípio da ruptura assignificante prevê que, mesmo alguma conexão sendo rompida em qualquer lugar, é retomada em outro lugar. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 18), é impossível exterminar as formigas, pois elas formam um rizoma

“**Não parece existir extensão que não faça conexões, independentemente de vontade de gestores, professores, alunos e estruturas.**”

animal no qual a maior parte pode ser destruída sem que deixem de se reconstruir. Pensar a extensão assim permite alguns devaneios. Fortalecer a extensão nada tem a ver com o tamanho de estruturas de gestão de ações extensionistas, mas sim possibilitar que cada cantinho de universidade tenha um pequeno “formigueiro” extensionista. Talvez isso dependa mais da sensibilização e mobilização sobre extensão do que da quantidade de projetos formalmente constituídos como extensão. Ora, isso é pensar nos movimentos de desterritorialização e reterritorialização da extensão. Não parece interessante criar alguns apegos a esta ou a outra forma de estrutura, mas sim de dar movimento a qualquer estrutura que permita fluir a extensionalidade em todos os “cantinhos” da instituição.

DOIS ENCONTROS DE DELEUZE QUE PERMITEM (RE)PENSAR A EXTENSÃO: HUME E SPINOZA

Deleuze produziu encontros com uma série de autores tanto da Filosofia, como das Ciências e da Literatura. Sobre aqueles que estudou, trabalhou e produziu textos, teve a perspectiva de explicitar

nesses o que lhe parecia mais relevante para sua própria construção filosófica. Dentre os principais que influenciaram o pensamento de Deleuze, podemos destacar Hume, Spinoza, Nietzsche, Leibniz, Bergson e Foucault. Aqui desenvolvemos apenas um breve deslocamento das abordagens feitas por Deleuze sobre os dois primeiros para podermos pensar algo sobre a extensão universitária.

O encontro de Deleuze com Hume pode nos fazer pensar muito sobre a extensão e sobre a universidade. Somos, muitas vezes, escravos de certa tradição grega que pergunta sobre as essências. Corremos atrás da melhor definição do que seja universidade. Perguntamos o que é o ensino, o que é a pesquisa e o que é a extensão. Essa é a forma hegemônica de nos relacionarmos com essas questões. Mesmo que não abandonemos essa perspectiva, o convite é que nos permitamos um exercício a partir do que Deleuze destaca em Hume.

Em uma perspectiva empirista, pode-se propor o abandono da pergunta sobre as essências e passarmos à pergunta pelas relações entre as coisas. Entendendo que as relações podem ser exteriores aos termos da relação; pode-se postular que a relação pode mudar mesmo que não se mude o que sejam os termos. Dito de outra forma bem diferente: mesmo não sabendo o que seja uma coisa, não apreendendo o que seja sua essência, pode-se perceber e pensar sua relação com outras coisas sem que, inclusive, essas coisas mudem o que são. Para os empiristas, o que dizemos que uma coisa é não passa de uma coleção de impressões, imagens, ou seja, de percepções. Mesmo o que dizemos sobre o “eu” não passa de um amontoado de percepções.

Essa construção teórica pode implicar em alterações de algumas concepções de extensão permitindo pensar não em algo que se chama de extensão, mas sim de relações extensionistas. Quando é ou como é que imaginamos as relações extensionistas? Como fazemos essa relação com a sociedade e com a comunidade acadêmica? Isso faz pensar nas diferentes percepções envolvidas quando se faz extensão, tanto na percepção do que seja, como das relações extensionistas estabelecidas entre a universidade e a sociedade.

Talvez aqui pudéssemos fazer uma vinculação com o que foi apresentado anteriormente sobre as concepções de extensão ao longo da história das universidades brasileiras, explicitando que o pensamento de Hume, conforme Deleuze o apresenta, retira-nos de uma perspectiva de “dever ser”, de defender uma forma “certa” ou “errada” de construção extensionista. Mais do que propor um olhar moralizante ao pensar a extensão, pode-se propor que o importante é construir relações, fazer experiências e construir possibilidades novas.

A universidade trabalha com o conhecimento. Que relações estabelece com o conhecimento e a sociedade? Com o conhecimento e a comunidade acadêmica? Com o conhecimento e os vizinhos? Com o conhecimento e o poder público? Que mudanças as

“ Não parece interessante criar alguns apegos a esta ou a outra forma de estrutura, mas sim de dar movimento a qualquer estrutura que permita fluir a extensionalidade em todos os “cantinhos” da instituição. ”

nossas práticas extensionistas provocam na relação com o “mercado”? Com os estudantes? Com os docentes? Se buscamos definir o que seja a essência da universidade e da extensão, partimos de algo estático e que não deveria mudar ou que tem alguma pretensão de permanência. Todavia, se em vez disso pensarmos no que a universidade está fazendo, no que está praticando, podemos postular que isso é apenas conjuntural, que faz sentido em um contexto e em outro, não. Tudo pode ser diferente do que é, pois como já dissemos, podem assumir devires outros.

Hume (2009) ainda destaca que a imaginação e não a razão é a principal faculdade do conhecimento e é ela que nos permite estabelecer as relações de causalidade entre fenômenos. Não há aqui preocupação

com o que também tradicionalmente se busca como sendo a verdade positivista, ou seja, a representação mental mais próxima possível daquilo que é a coisa, como por exemplo, a pesquisa, o ensino, ou a extensão. Para Deleuze, o que mais caracteriza a Filosofia empirista seria a importância da experimentação. Não somos algo, uma coisa, uma essência. A extensão, na universidade, funciona com o que consegue constituir relações. Somos nossas práticas.

A busca de Spinoza, um filósofo judeu holandês do século XVII, por construir seu pensamento sem amarras institucionais, evitando qualquer dependência de poderes constituídos, rendeu-lhe ira entre judeus e cristãos. Talvez sua vida, tida como errante e solitária, tenha reunido as condições de produzir uma das mais belas elaborações filosóficas da tradição ocidental. A vida tem o costume de surpreender onde ela parece mais frágil. Pensamos que dá para bebermos nas elaborações sobre os afetos algo para pensar a extensão e a universidade.

Para Spinoza (2009), toda a existência é composta de encontros. Há bons encontros e maus encontros. Os encontros produzem misturas entre os corpos. Um encontro afeta os corpos envolvidos nele. Os encontros podem aumentar a potência dos corpos ou podem diminuir essa potência. Os encontros que diminuem a potência, desencadeiam paixões tristes. Os encontros que aumentam a potência dos corpos desencadeiam paixões alegres e ampliam sua capacidade de ação.

A sociedade, para Spinoza (2009), deveria promover todo um conjunto de condições para que cada corpo pudesse potencializar sua existência por meio de bons encontros. Todavia, percebe-se que não é o que ocorre. Deleuze faz advertência de que as pessoas que têm algum poder costumam afetar outras pessoas de uma maneira triste, para poder continuar no exercício do poder. De fato, em universidades e escolas, a forma como as direções se relacionam com professores e alunos e a forma como professores se relacionam com alunos em sala de aula nem sempre provocam encontros alegres. Talvez alguns dirigentes e professores sintam necessidade de provocar afetamentos tristes para se conservar um domínio no exercício do poder. Aqui já teríamos “pano para costurar muitas mangas de camisa” só pensando nas relações

pedagógicas propriamente ditas. Como pensar em encontros pedagógicos que aumentem a potência de vida dos alunos, dos professores, trabalhadores em geral da universidade?

Pensando na universidade como um corpo e em outros atores sociais coletivos como outros corpos, e a extensão como dimensão que promove a interação entre ambos, que afetamentos esses encontros têm produzido? Como preparar a universidade para que seus encontros com o “mercado” sejam potencializadores de sua existência (universidade) e não diminuidores e escravizantes de sua prática? Como os encontros da universidade podem promover encontros alegres com comunidades, pessoas e instituições, evitando qualquer provocação de comportamentos passivos por parte deles?

Esse poderia ser um interessante elo para desfazer a ideia de que de um lado está a universidade e, de outro, a sociedade, como podemos criticar no conceito de *via de mão dupla* em outra parte desse texto. A crítica spinozana ao dualismo poderia ser oportuna, já que o cerne da questão é o pensar e fazer extensão.

Sendo o espaço da universidade, em geral, marcado por tantas estratégias disciplinares e de controle, a extensão permite forjar linhas de fuga. Assim como Spinoza (2009) acreditava que a sociedade deveria ser um espaço que oferecesse condições para que as pessoas pudessem desenvolver suas potencialidades, também na extensão, acreditamos ter um espaço/movimento privilegiado para tal possibilidade. A relação com os alunos já não seria de obediência deles, mas de busca de potencializá-los. O encontro dos alunos com seus professores pode ser um encontro em que as diferenças de intensidades estejam a serviço da vida e não de estruturas ou políticas de estado. O mistério seria como em ações tanto de ensino, como de pesquisa e extensão, estabelecer essa relação que aumenta a potência dos estudantes e do próprio professor. Se buscarmos uma aplicabilidade direta desse princípio, parece um tanto complicado visualizar, mas ao menos podemos pensar nele como um indicador. Pode-se ao menos perguntar se os alunos estão cada vez mais passivos ou ativos. Se estão com posturas de submissão ou assumindo

mais o protagonismo dos próprios processos de aprendizagem.

INDO ALÉM...

Não pretendíamos aqui organizar um sistema, uma proposta política para se transformar políticas públicas de extensão. Diferente disso, com Deleuze, desejamos fazer alguns assopros, alguns movimentos no que temos definido como extensão. Por mais bem intencionadas, ou melhor, por bem intencionadas que são, as políticas educacionais, ou seja, as políticas extensionistas costumam desejar a permanência e a cristalização de modelos. Buscou-se aqui encontrar linhas de fuga dos sistemas em evidência e colocar-se em um movimento de experimentar devires novos. Pretendíamos apenas iniciar uma vibração do pensamento a provocar experiências marginais na prática extensionista.

Para se falar de uma possibilidade de Filosofia da Extensão, parece-nos que precisaríamos ao menos aprofundar um pouco o conceito de aprendizagem e verificar como que as notas deleuzianas nos potencializam a pensar a extensão como esse espaço/movimento de aprendizagem. Se a universidade tem como seu objeto básico de trabalho o conhecimento que deve ser produzido, ensinado e extensionado, pensamos que isso ocorrerá à medida que a indissociabilidade for pensada em termos de promoção da aprendizagem dos diferentes atores envolvidos.

O pensamento deleuziano, desenvolvido no texto *Rizoma*, abre uma enorme possibilidade de deslocamentos potenciais para pensar outros tantos rizomas para além do livro. Apenas iniciamos os deslocamentos a respeito da extensão como rizoma. Não só um aprofundamento das características dos rizomas apresentados, também outras duas características desenvolvidas por Deleuze e Guattari (1995) podem trazer novas possibilidades de evidenciar outros movimentos interessantes na prática extensionista que potencializem sua presença na universidade.

A preocupação com a contribuição empirista, a partir da leitura deleuziana, parece se justificar pelo fato de existirem publicações e autores que pensam a

extensão, buscando uma definição do que seja, fazendo o paralelo com o modo como se costuma definir a pesquisa e o ensino. Como estes últimos parecem ter definições razoavelmente claras sobre o objeto de suas ações, encontram-se definições sobre extensão pela via da negação, afirmando que ela não é pesquisa e não é ensino ou buscando a afirmação de uma essência. Independentemente da viabilidade de tal incursão, pretendia-se aqui apenas anunciar, com a ajuda do par Deleuze/Hume, que há outras possibilidades de se pensar a partir da relação extensionista que se estabelece. Há muitos passos a serem dados nessa direção.

O mesmo pode-se dizer da construção feita a partir do encontro de Deleuze com Spinoza. Apenas anunciou-se o potencial que pensar a ética dos afetos e a extensão universitária pode ter, sobretudo, se pensamos a extensão como ação aprendente dos que nela estão envolvidos.

Por fim, se o que fazemos como extensão (também com a pesquisa e com o ensino) é sempre mutável, sem necessitar de certo ou errado ou sem um ideal a ser alcançado, pode ser interessante desligarmos um pouco ou completamente do “dever ser” na prática extensionista e buscarmos potencialidades, ou seja, “experimentalizar” academicamente a prática da extensão universitária.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2001.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Edições 34, 1997.
- _____. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Edições 34, 2001.
- _____. **Espinoza**: filosofia prática. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. **Curso sobre Spinoza em Vincennes**, 1978. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>. Acesso em: 10 abr. 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA DAS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS. **A extensão e ação comunitária: contribuição das universidades e IES comunitárias para um Plano Nacional de Extensão**. Disponível em: < <http://www.uniso.br/forext/docs/cartas/Recife-2001.pdf>>.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** RJ: Paz e Terra, 1971.

HUME, D. **Tratado da natureza humana**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: TOMAZ, Tadeu da Silva (Org.). **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos**. 2. ed. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1995.

OLIVEIRA, A. P. et al. **A extensão nas universidades e instituições de ensino superior comunitárias: referenciais teórico e metodológico**. Recife: FASA, 2006.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2009.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA-UCB. **Cadernos da Extensão**, v. 1. Brasília: PROEX, 2006.

_____. **Diretrizes de extensão**. Brasília: UCB, 2009.